

AQUILO QUE OS RODEAVA (EXCERTO)

Marilyn Krysl

THE THING AROUND THEM, 1998

Foi por causa do rapaz arrastado pelo jipe que Vasuki deu a Nadesan o dinheiro para comprar o bilhete. Quando foi ter com o seu irmão, com as notas enfiadas no sari, não sabia falar a língua dos países colonizadores nem conhecia ninguém que já lá tivesse ido. Sabia que a determinada altura a ilha fora ocupada por poderes estrangeiros, mas não tinha a certeza por que forças ou quando. Que os portugueses tinham ficado lá até serem expulsos pelos holandeses; que os holandeses tinham sido expulsos pelos britânicos e que os britânicos tinham concedido a independência à ilha quando o poder da Coroa a isso foi forçado pelas suas outras colónias – estes eram factos que nunca ninguém lhe contara. E mesmo que estas coisas lhe tivessem sido narradas por um professor ou referidas por algum político na sua campanha para o Parlamento, não seriam factos que lhe parecessem importantes. O que ela sabia sobre os países colonizadores era que neles havia abundância, de tal forma que até os mais pobres viviam bem. As pessoas viviam em paz umas com as outras e passeavam sem medo nas ruas das cidades e nas estradas que as ligavam.

Ela vira nessa mesma tarde como a cara do seu filho ficara alegre quando ela lhe deu grãos para alimentar as galinhas. Tivera prazer em ver a satisfação de Poniah e pensou então no rapaz arrastado pelo jipe.

Vasuki vira o rapaz no recreio da escola com uma pá de críquete na mão. Depois, no funeral, Vasuki aproximou-se da mãe do rapaz e tocou a sua mão de pele fina e seca como papel. Tornou-se assim claro para Vasuki quem ela própria era: era a mãe de Mannika, era a mãe de Poniah. Tinha uma menina, tinha um menino e o seu menino iria crescer e ter a mesma idade que o rapaz arrastado pelo jipe.

Ele tinha olhos tímidos e um sorriso como a visão de um papagaio a irromper subitamente por entre as folhas de uma bananeira. Mas os soldados insistiam que o rapaz espiava ao serviço dos rebeldes. Ela imaginava o cenário como uma neblina, cujos contornos oscilavam da mesma forma que as memórias da infância brilham com uma luz trémula sem limite. A mãe do rapaz fora obrigada a ver os soldados atirar o filho para o chão. Prenderam-lhe um pé ao pára-choques traseiro do jipe. Um pé, preso pelo tornozelo. Depois,

entraram para o jipe e arrancaram, gritando naquela língua que ninguém compreendia.

Quando Vasuki pensava na sua infância, imaginava-se dentro de uma esfera tremeluzente, um globo de ar verde. O seu corpo era, ele próprio, um pequeno globo ténue, amplo e aberto, fundindo-se com o ar, com a folhagem, com as águas da lagoa e com os outros corpos movendo-se com ela através daquela luz verde. Os seus pais tinham-na embalado da mesma forma que um barco é embalado pela água e foi como se os três, e tudo aquilo que os rodeava, fossem o corpo de um só animal deslizando da margem até à água, deslocando-se ao sabor das ondas da lagoa, que se moviam com o mar e com as correntes do ar.

Vasuki e Sri haviam corrido de um lado para o outro com os irmãos, imbuídos daquela luz verde. Nadesan era o segundo filho. Era o palhaço, imitando tudo aquilo que era ridículo nos adultos. Por vezes, imitava o medo e o devaneio de Vasuki. Então, ela atirava-lhe mãos cheias de areia. Ele corria, baixando-se e protestando. Cobria a cabeça com as mãos num desespero simulado até que ela também acabasse por rir.

Ela adorava Nadesan pela sua alegria. Com o mais velho, Sinniah, sentia-se como se fosse a sua filha querida. Ouvia-o dizer o seu nome em voz alta: Vasuki! O timbre da voz dele fazia com que o som do seu nome parecesse ouro. Sinniah encarregava-se de tudo, planeava passeios até à sombra das árvores do fogo, ensinava-as a embalar a comida em folhas de bananeira e a trazer as suas garrafas-termo. Quando Vasuki e Sri discutiam, ele acalmava-as dizendo: – Não puxes o cabelo da tua irmã. Sejam boas uma para a outra. Ensinava-lhes os nomes dos pássaros e as propriedades do alari. Podiam colher as flores amarelas, mas jamais deveriam tocar nas sementes venenosas.

Vasuki observava Sinniah enquanto ele se debruçava com entusiasmo e concentração sobre os seus livros. Dizia que iria tomar conta de todos quando os pais fossem velhos. – Arranjar-vos-ei maridos formosos – dizia às irmãs. – Trabalharei para que os vossos dotes sejam abundantes.

Na escola, as regras eram claras: uma língua única. Vasuki imaginava-a como a língua universal, falada pelos povos de todo o mundo. Imaginou isto até ao dia em que o exército se instalou na cidade. O exército viera para proteger o povo dos rebeldes. O Presidente da Câmara dizia que os soldados, embora falassem uma língua que ninguém compreendia, eram amistosos. Nem o pai nem a mãe de Vasuki tinham de facto visto os soldados, embora Sinniah tivesse espreitado para dentro de um camião quando este dobrava uma esquina. Nele iam muitos homens em pé, junto uns aos outros, vestidos com uniformes

verde-escuro e cada um com uma espingarda. Nadesan fora com os amigos para o campo de criquete ver os soldados marchar em formatura. Ou teria sido um exercício que ele viu na televisão, na loja de electrodomésticos? Eles nem sempre acreditavam nas histórias de Nadesan, embora até a mãe e o pai se rissem quando ele imitava os exercícios e os movimentos abruptos e mecânicos dos soldados.

Naquela altura, as noites eram como uma ponte de luz onde o ar se suavizava e o azul mergulhava no negro. O pai pegava em Sri, sentava-a no seu colo e dava-lhe um beijo na face. Sri ria-se pelo prazer de estar no centro da sua ternura atenciosa. O cheiro a lima flutuava na humidade quente. E, então, lá apareceram os soldados – quantos? – amontoados à entrada.

Um dos soldados falou com o pai naquela outra língua. Fez um gesto para o pai os acompanhar. O pai tirou Sri do colo e levantou-se. Vasuki percebeu que o pai tinha de alguma forma irritado aqueles homens. Sentiu-se envergonhada. O seu pai devia ter feito algo de indigno. Mas ela também receava por ele. Foi como se algo de estranho tivesse entrado em casa, algo escuro e inconstante que nem os soldados conseguiam ver. Ela tentava encontrar a sua forma no ar, mas os soldados irromperam através do verde tremeluzente, arrancando-o. O soldado que falara gritou uma ordem. Outros dois avançaram, agarraram o pai e arrastaram-no pela porta e pelo caminho fora até ao jipe.

Quando alguém nos é arrancado daquela forma, é como se rasgassem o globo de ar verde para o levar! Nessa mesma noite, outros dois homens que cortavam lenha com o pai de Vasuki foram também eles presos. Não tinham aparecido quaisquer rebeldes no local onde cortavam lenha, e nenhum deles jamais imaginaria que o facto de estarem a trabalhar na floresta, onde se dizia que os rebeldes andavam, poderia levantar suspeitas sobre si próprios. Era verdade que os rebeldes tinham primeiro erguido um acampamento no norte e, mais tarde, haviam-se mudado para cá, mas estes acampamentos ficavam no interior, longe da cidade. Eles cobravam impostos porque, afinal, era mesmo necessário. Lutavam pelo Eelam, que era o paraíso na terra. Os guerrilheiros visitavam as escolas das cidades e aldeias circundantes para recrutar jovens rapazes. Às vezes, eles queriam lenha ou então um saco de arroz, mas normalmente pagavam. Uma vez vieram três jovens de farda às manchas pedir gasolina. Quando a mãe de Vasuki disse que não tinha, os três jovens foram-se embora.

– Quem são eles vestidos com aquela roupa esquisita? – perguntou Vasuki.

– Eram só uns homens que precisavam de gasolina – respondeu a mãe. – Traz-me um balde de água do poço.

O sargento que estava no acampamento era cortês, sempre que a mãe de Vasuki e as outras mulheres lá iam informar-se. Ele falava a língua delas, convidava-as a sentar-se e ouvia-as enquanto elas faziam os seus apelos. Depois dizia-lhes que tinha muita pena, mas que o exército não sabia do paradeiro dos maridos. Assegurava-lhes, todavia, que se preocupava com o bem-estar deles, pois iriam ser feitos inquéritos.

A mãe de Vasuki ouvira dizer que homens do norte haviam sido levados, tal como o seu marido. Alguns regressaram, outros não. Mas ela não acreditava nestes boatos. Mesmo no momento em que levaram o seu marido, ela continuou a crer que ele não era um daqueles que não iria ser libertado. Houvera algum engano e ela acreditava que o sargento o iria resolver. Enquanto esperava, o exército erguia mais acampamentos no sul da cidade.

Foi então que a polícia prendeu seis pescadores. Quatro deles foram libertados no dia seguinte. Os outros dois foram levados ao exército para serem interrogados. Quando o primo do seu marido foi preso numa cidade mais a norte, a mãe de Vasuki não contou nada aos filhos. Disse-lhes que o primo tinha arranjado trabalho no Médio Oriente e fora, por esse motivo, apanhar um avião à capital. Vasuki escutava. A mãe não lhe pareceu muito satisfeita com esta notícia, pois desde que o pai fora preso, uma certa ansiedade pairava sobre a sua existência.

Numa tarde em que a mãe fora ao escritório do sargento, Vasuki chegou a casa da escola e começou a comer uma tigela de pittu. A mãe passou pelo portão, pegou numa flor alari, entrou e colocou-a em cima da mesa. A luz do sol caía oblíqua sobre a flor. A cara da mãe parecia encovada.

– O que tem? – perguntou Vasuki. – Alguém lhe bateu?

– Não – respondeu a mãe. Vasuki lembrou-se do padre católico que se oferecera para interceder por eles junto do sargento, apesar de a família dela não ser católica. Ele usou uma expressão que Vasuki nunca ouvira antes: os desaparecidos.

Vasuki conseguia ver a lagoa da entrada, com um único barco a balouçar. Embora não visse nada fora do normal, parecia que este barco, que permanecia inocentemente na água, corria perigo. Algo poderia arrancar o barco da água e, num segundo, despedaçá-lo. Quando Vasuki se voltou, a luz havia-se movido, a flor estava agora na sombra. O rosto da sua mãe abria caminho para um lugar longínquo, onde alguém poderia facilmente perder-se.

Trad. de Ana Maria Salgueiro Barbosa¹

¹ Antiga aluna da Licenciatura Bietápica em Línguas e Secretariado – Ramo de Tradução Especializada.